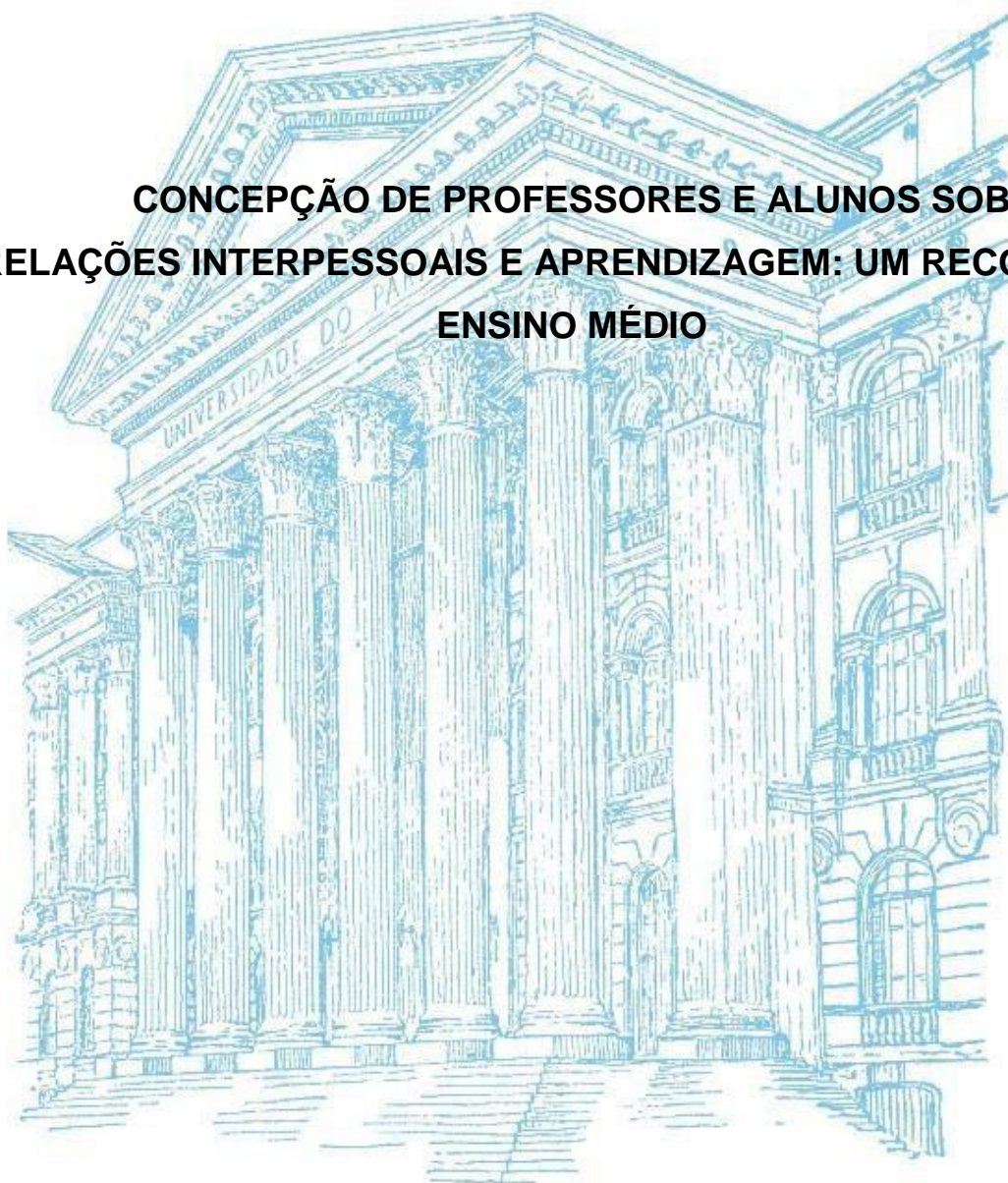


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO  
PEDAGÓGICA

ELIANE TRAMONTIN SILVEIRA MOLETA

**CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE AS  
RELAÇÕES INTERPESSOAIS E APRENDIZAGEM: UM RECORTE NO  
ENSINO MÉDIO**



CURITIBA  
2016

ELIANE TRAMONTIN SILVEIRA MOLETA



**CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE AS  
RELAÇÕES INTERPESSOAIS E APRENDIZAGEM: UM RECORTE  
NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho apresentado como requisito à  
obtenção do grau de especialista no Curso  
de Especialização em  
Pedagógica, Setor de  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Michelle Souza Julio Knaut

CURITIBA

2016

# CONCEPÇÃO DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E APRENDIZAGEM: UM RECORTE NO ENSINO MÉDIO

MOLETA<sup>1</sup>, Eliane Tramontin Silveira

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender qual a concepção de professores e alunos sobre as relações interpessoais e sua importância no âmbito escolar no Ensino Médio. Além da literatura a respeito da temática apresentada, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com dezenove professores pertencentes ao quadro de um Colégio Estadual em Ponta Grossa PR, com setenta e cinco alunos do Ensino Médio. Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com seis questões fechadas e cinco questões abertas para discentes, e para os docentes. Os resultados obtidos apontam que professores e alunos concordam quanto à interferência dos conflitos ao andamento de sala de aula, atrapalhando no relacionamento, comprometendo o diálogo, no estado emocional, na dificuldade para aprender e atrapalhando o tempo da aula. Evidencia-se a importância das relações estabelecidas na escola, na sala de aula e no contexto do processo ensino aprendizagem. Constata que as relações interpessoais são fundamentais para a construção do conhecimento, para conquistar a confiança dos alunos em busca de seus objetivos no desempenho da aprendizagem, na aceitação das normas estabelecidas pelas relações de poder e nas relações de pertencimento ao ambiente escolar. Em se tratando da modalidade Ensino Médio são jovens de todos os cantos, trancos e barrancos e possuem muitas potencialidades que podem ser desenvolvidas e elucidadas pela escola e pelo professor que trabalha com comprometimento e alegria. A relação de convivência no ambiente escolar é uma forma de aprendizagem que querem levar pra vida toda. A escola por mais que mostre limitações, é o espaço em que a juventude gosta de estar, pois convivem com respeito e orientação, valoriza-se o saber, aceitam os erros problemas e dificuldades, socializam-se. Aprendem a conviver em grupo, desenvolvem valores para viver em sociedade, buscam intervir no mundo construindo a sua cidadania sendo visto por suas particularidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relações Interpessoais. Juventude. Aprendizagem Escolar. Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pelo aluno Eliane Tramontin Silveira Moleta do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Michelle Souza Julio Knaut. E-mail: msj2105@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O docente do século XXI encontra-se num entrave sofrendo e adaptandose às aceleradas mudanças da informação e das tecnologias as quais exigem, cada vez mais, competência, formação e estar preparados com domínio do conhecimento.

O educador, na sociedade globalizada onde prevalece o conhecimento científico e a competência intelectual, educa para entender o mundo, por meio do processo ensino e aprendizagem, propiciando novos caminhos de desenvolvimento e crescimento ao educando. Inquietude, incertezas e desafios acompanham a vida do educador desse século, deixando marcas, pela propensão da qualidade.

A sociedade exige que o professor trabalhe além, assumindo também o compromisso do desenvolvimento humano e social. Sendo o professor sujeito complexo e que possui seus limites, vivencia na sua profissão momentos de alegrias e de dificuldades na tarefa de ensinar.

Ser professor proporciona desenvolver o trabalho com gente, permitindo o relacionamento com o jovem e suas características peculiares de ser, de estar e de intervir no mundo, bem como seus dramas, suas dificuldades e com o que é mais precioso e, também, um privilégio: seus sonhos, suas fantasias, seus mistérios, com suas trajetórias de vida e com suas riquezas. Assim, fazendo com que o professor cresça profissionalmente contribuindo para as grandes satisfações realizações e as alegrias, criando vínculos para entendê-los. Mediante o exposto, muitas são as interferências no processo de ensino e aprendizagem no ambiente escolar, considerando muito importante, às relações estabelecidas em sala de aula, principalmente na relação professor-aluno.

Justifica-se a presente pesquisa uma vez que as relações interpessoais são de suma importância e, por se tratar da modalidade Ensino Médio; jovens de todos os cantos, trancos e barrancos que possuem muitas potencialidades que podem ser desenvolvidas e elucidadas pela escola e pelo professor que trabalha com comprometimento e alegria.

O jovem estudante do Ensino Médio é um individuo que busca ser visto por suas particularidades. Nesse sentido, Margulis e Urresti (1996), afirma que

Juventude, é um conceito fluente. Cada época, cada espaço clama e mostra diferentes características de ser jovem. Dentro de suas especificidades de situações sociais e culturais e não simplesmente uma condição de idade.

Assim, torna-se primordial pensar, refletir e discutir as relações da juventude, professor e escola, compreendendo o lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea, enfatizando as relações interpessoais na escola pública. Nesse sentido, a problemática elencada para a pesquisa foi: De que maneira os professores entendem as relações interpessoais na escola?

Para tanto, norteou-se como objetivo geral: Compreender a concepção dos professores e alunos sobre as relações interpessoais e sua importância no âmbito escolar. E como objetivos específicos: Conhecer a literatura a respeito da temática apresentada; Verificar as percepções dos alunos em relação à aprendizagem; Identificar qual a percepção dos professores em relação ao ambiente que propicia ou não as relações entre os pares; Analisar o papel do pedagogo frente às relações interpessoais na escola.

Para a realização da pesquisa, fez-se uso de questionários com fechadas e questões abertas com professores e alunos do Ensino Médio, de um Colégio Estadual em Ponta Grossa PR.

Resultados obtidos apontam que professores e alunos concordam quanto à interferência dos conflitos ao andamento de sala de aula, atrapalhando no relacionamento, comprometendo o diálogo, no estado emocional, na dificuldade para aprender e atrapalhando o tempo da aula.

Evidencia-se a importância das relações estabelecidas na escola, na sala de aula e no contexto do processo ensino aprendizagem. Os alunos parecem não compreender que as questões de sala de aula são as relações interpessoais.

## **2. JUVENTUDE DE ONTEM E DE HOJE: IMAGINE UM JOVEM**

Falar ou pensar em juventude nos remete a imaginar um jovem. Um jovem brasileiro, estudante, que interage com novidades tecnológicas e culturais, rodeados de amigos, mediadores de crenças e costumes dentro de um grupo, sendo crítico e instigante. Conseguir criar uma imagem de um jovem, para nós não traz muita complexidade, pois já fomos ou ainda somos jovens e com certeza compreendemos

a juventude. Faz-se necessário agora, imaginar e contextualizar este mesmo jovem em momentos históricos diferentes.

Textos e contextos se modificam, pois, com o passar dos anos, a “evolução” da população, bem como a facilidade para acessar a tecnologia, os comportamentos dos jovens se modificaram e houve inversões de valores. Neste sentido faz-se necessário compreender a juventude além de uma construção social.

Segundo Bourdieu (1983) a juventude é muito mais do que uma palavra, ou um simples significado para um determinado período, indicando uma ordem, assim sendo infância, adolescência, juventude, vida adulta ou velhice. Enfatiza que: “parece que um dos efeitos mais poderosos da situação de adolescente, decorre desta espécie de existência separada os coloca socialmente fora do jogo” (BOURDIEU, 1983 p.114).

A juventude, de maneira alguma, encontra-se fora do jogo, a partir das décadas de 1960 e 1970, com o início de um processo de afirmação política e cultural em todo o mundo e que se faz presente nos dias atuais, traz os jovens para frente dos centros das atenções. Entretanto não foi sempre assim. Por vários séculos, não se imaginava uma fase entre a infância e a idade adulta, não existindo assim a adolescência, ou era criança ou adulto. Desta maneira a sociedade busca controlar qualquer mudança e precisa que a juventude se insira em uma ordem aceitável do real. Ser jovem era ter um projeto de vida para além dos 20 anos.

Nos anos 1960 e 1970, a apreciação da juventude poderia ser qualificada, ao menos em certo sentido, como holista dotada de projetos coletivos, com atitude de ruptura, busca de independência econômica, carregada de ideologias, espiritualizada, e, sobretudo, como uma vanguarda estética, moral e política.

Os adolescentes globalizados dos anos 1980 e, principalmente, dos anos 1990 e 2000, expressam uma ideologia marcada por preocupações individualistas, plena de projetos pessoais, com atitudes tradicionais, voltada para o sucesso material e profissional, com dependência econômica dos adultos.

No Brasil, a partir de 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, a população jovem foi considerada entre 15 a 29 anos. Devido o aumento do tempo utilizado à formação escolar e profissional, a demora em conseguir o primeiro emprego, a falta de estabilidade financeira e por acabarem morando mais tempo na casa dos pais.

Essas características explicam a chamada geração Y, são jovens nascidos a partir do início dos anos 1980 até o meio dos anos 1990. Nessa perspectiva, a juventude precisa ser concebida “como uma complexidade variável, que se distingue por suas muitas maneiras de existir, nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2003, p. 110).

Entretanto há um processo de “adultização” precipitado que a maioria dos jovens de hoje vem vivenciando muitos desafios e instabilidade social. Encarando imprecisões e riscos vindos do processo de globalização.

A contemporaneidade considera algumas ações delimitadas aos jovens que sofrem impacto em sua condição juvenil. Além de assumirem papéis socialmente desejados de adultos e juvenis, não são fundamentais para a produção econômica, como também enfrentam mudança na constituição das famílias e na participação do trabalho. Porém, segundo Castro e Abramovay (2009), a representatividade das juventudes organizadas em favor de políticas de juventudes, chama a atenção de pesquisadores no Brasil.

Em suas reflexões Dayrell (2007) conceitua condição juvenil, expondo inquietação em vincular o perfil dos jovens da atualidade a um contexto histórico e social específico, beneficiando o embate de transformações sociais de nível global na forma como a sociedade produz os indivíduos.

As instituições da sociedade como a família e a escola, tem dificuldade em projetar os jovens com identidades e definições próprias. Atribuindo responsabilidade de adultos e outras situações considerando-os crianças. Dessa maneira os jovens são considerados adultocratas, com capacidade para contestar, transgredir e reverter a ordem, agregando-os como ameaça social, à criminalidade e à “delinquência”. Retratam o medo e a insegurança mesmo vistos como a esperança de um mundo. Todo jovem na escola, é desprovido da condição social de ser jovem e se torna “aluno”, pois essa desconsidera a cultura juvenil a qual possui características próprias.

A cultura escolar embasada na inadequação dos mais variados contextos da rotina escolar como o sistema de normas e regras que pode ser autoritário, as formas de convivência, o projeto político-pedagógico, os recursos didáticos disponíveis e a qualidade da educação, gerando assim, um relacionamento muito tenso em relação

às características e esperanças dos alunos com os atores sociais que convivem na escola (ABRAMOVAY; CASTRO, 2003).

A família, por tradição, tem sido o principal agente responsável pela socialização da juventude. Porém, ela, progressivamente, deixa de ser o centro, constatando a atuação de outros agentes, como por exemplo, a escola, os grupos de jovens e a mídia. As novas tecnologias de informação estão cada vez mais se consolidando como agentes de socializações como os meios de comunicação de massa, televisão, rádio e internet, as redes sociais conquistando com exclusividade a juventude. Desta maneira, os grupos de jovens cumprem um importante papel no processo de socialização.

### **3 LEGISLAÇÃO QUE AMPARA O ENSINO MÉDIO**

Com o passar do tempo, o Ministério da Educação, juntamente com a sociedade, vem articulando e realizando ações para melhorar o nosso sistema educacional. Tal mudança visa se preparar cada vez mais para novos desafios, uma vez que o mundo se encontra em mudança constante.

Neste contexto, o Ensino Médio passa a fazer parte da Educação Básica, com objetivo de que toda a juventude brasileira tenha essa formação para consolidar e encarar com mais segurança o futuro. Para isso, foi proposto um currículo com base no domínio de competências básicas, vinculado nos contextos de vida e não baseado em acúmulo de informações.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) vem para confirmar a nova identidade ao Ensino Médio, indicando que Ensino Médio é Educação Básica. No inciso II do Art. 208, da Constituição de 1988 já prevê a garantia e dever do Estado “a progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio”.

Mais tarde a Emenda Constitucional nº 14/96 mudou a redação desse inciso sem alteração da redação original, inscrevendo no texto constitucional “a progressiva universalização do ensino médio gratuito”. O Ensino Médio deixa de ser obrigatório para as pessoas, porém a oferta é dever do Estado, numa concepção de acesso para todos aqueles interessados.

A LDB (Lei 9.394/96) cita Art. 21, à condição legal do Ensino Médio como parte da Educação Básica. Nesse sentido, o Ensino Médio começa a integrar a etapa do processo educacional que a Nação declara básica para o exercício da cidadania, base para o acesso às atividades produtivas, para a continuação nos níveis mais elevados e complexos de educação e para o desenvolvimento pessoal, mencionado à sua convivência com a sociedade e sua plena inserção nela. Então, “tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (Art.22, Lei nº 9.394/96).

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional torna-se claro que o Ensino Médio é a “etapa final da educação básica” (Art.36), o que compete para a construção de sua identidade, assim passa a ter caráter de terminalidade, então assegura a todos os cidadãos a oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental; aprimorar o educando como pessoa humana; possibilitar o prosseguimento de estudos; garantir a preparação básica para o trabalho e a cidadania; dotar o educando dos instrumentos que o permitam “continuar aprendendo”, tendo em vista o desenvolvimento da compreensão dos “fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos” (Art.35, incisos I a IV).

Nessa perspectiva, sendo o Ensino Médio etapa final, com duração mínima de três anos, aguçando com a contemporaneidade possibilita a construção de competências básicas, estabelecendo o estudante como sujeito produtor do conhecimento e integrante do mundo do trabalho, bem como o desenvolvimento da pessoa, como “sujeito em situação” o cidadão.

#### **4 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A ESCOLA: MOMENTO DE APRENDER**

Para quem executa a docência com alegria acredita que a vida só é bem vivida quando é compartilhada e compreendida. Esse pensamento, de uma parcela de docentes, deixa evidente um percurso de entrega, aprendizado e essencialmente amorosidade. Conforme afirma (Cortella, 2014, p.144) “A docência me ensinou a ideia de amorosidade em sua percepção mais profunda. Além de ensinar, aprendi e aprendo muito, ainda hoje, através dela”. Para ele a docência ensinou e mostrou a

ideia de amorosidade em sua percepção mais profunda. Tanto na educação familiar quanto nas instituições, a docência proporciona uma trilha forte de convivência e de troca. “Nessa troca há muita entrega, cuidado, doação e vontade de ser melhor e partilhar o melhor de nós”. (CORTELLA, 2014, p.144)

Nessa convivência na escola, não se pode deixar a derrota vencer e correr o risco do desencanto, com sentimento de pertença, faz-se necessário compreender que a alegria, encanta, porém não acomoda, pois continua a busca para ser melhores. De compreender que docência possibilita, mesmo com tantas dificuldades, a capacidade de entrega, de partilhar, de compartilhar e ser resistente. “A docência é uma maneira de dizer as coisas não precisam ser assim, elas podem ser diferentes”. Não deixar esmorecer aquilo que é a força interna de homens e mulheres que passam a vida se dedicando a cuidar da vida do outro. (CORTELLA, 2014, p.144).

Muitos autores colaboram de maneira expressiva para a compreensão sobre a realidade pedagógica. Possibilitando a reflexão sobre diversos pontos de vistas que envolvem as relações em sala de aula. Evidencia-se que somos seres aprendestes e que tudo o que aprendemos é contínuo e inacabado. Somos seres “inacabados” e neste contexto aprendemos quando compartilhamos saberes soberano ao papel que mostramos num grupo. Compartilhamos saberes para uma realidade de várias facetas, contudo estimulante e encantadora.

Conforme afirma Freire (2005, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”. Retomando assim a necessidades dos docentes possibilitarem que os alunos construam seus conhecimentos em uma trama onde docentes e alunos se inserem em um contínuo processo social.

Na escola, um espaço repleto de acontecimentos é a sala de aula. Nesse ambiente são possibilitados os estudos, as pesquisas, os conflitos, as teorias e as prioridades que instigam os docentes e os estudantes, impossibilitando a organização. Coll e Martín (2004) enfatizam que, em grupo, é possível se deparar com pessoas brilhantes com traços de imaturidade emocional ou pessoas com capacidade de resolver problemas pessoais sem o ter interesse pelo mundo que as cerca, assim como, encontrar pessoas que não se relaciona na amplitude interpessoal, bem como em circunstância de participação social e de cidadão.

No entanto, os autores afirmam o quanto é importante a relação dos pais para o desenvolvimento e o equilíbrio emocional dos seus filhos na escola, mesmo que as intenções educativas da escola e dos professores possam promover e apoiar os aspectos emocionais dos alunos, nunca poderá suprir o mesmo sentimento pelos seus familiares.

A educação em geral, e a educação escolar como parte dela, tem o objetivo fundamental de promover e facilitar os processos de desenvolvimento e socialização das pessoas, e, para conseguir isso, deve agir sobre o conjunto de capacidades envolvidas nesse processo. (COLL e MARTÍN, 2004, p. 25)

Conceber o conceito que conviver em um espaço onde a preocupação não é simplesmente com a transmissão de informação e sim com a construção de conhecimento e estabelecimento de relações significa humanizar o ato de aprender. Então podemos considerar que é possível haver uma confiança entre os saberes curriculares que são essenciais aos alunos e a sua experiência social que eles experimentam como indivíduos, buscando compreender “[...] sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.” (MORIN, 2004, p. 55).

No posicionamento de Freire (2005), em relação à prática docente, evidencia a importância deste momento da atividade pedagógica, pois é impossível reduzi-la ao puro ensino de conteúdo. O docente ensina com respeito aos saberes dos educandos, com rigor aos conteúdos que vão se completando ao longo da vida, com capacidade de refletir sua realidade. Na ética, no respeito à dignidade na autonomia do educando, no preparo científico.

Como salienta Freire: “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (1996, p. 103). Tudo isso, na sala de aula, precisa superar os conteúdos. Ações como essas precisam ser percebidas pelos alunos, pois evidenciam o esforço na procura da coerência quando o docente intenciona ensinar e aprender.

Os conhecimentos que vamos construindo sobre nós, sobre a sociedade e sobre a educação define nosso posicionamento pedagógico e nossa relação com os alunos. Faz-se necessário enfatizar que nas relações interpessoais entre professores

e alunos, o professor sempre é percebido pelos seus alunos e essa maneira com que eles percebem só aumenta o empenho, a responsabilidade e a forma de intervenção mais democrática, dentro e fora das escolas.

Segundo Kullo (2002) a relação entre o professor e o aluno requisita papéis claros e definidos. O autor enfatiza que as ações do professor deixam de ser verticais quando predomina por um espaço mais prazeroso, evidenciando a necessidade com a preocupação no momento de aprender para que se transmita, de forma participativa e conjunta, por meio da integração, utilização e criando novas técnicas visando o conteúdo a ser trabalhado.

Ser um excelente profissional, neste contexto, não significa somente comunicar-se bem e saber conteúdos específicos. É de suma importância, também, perceber o valor do afeto e da formação de valores para o desenvolvimento pessoal dos indivíduos. Grillo enfatiza: “A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação” (Grillo 2004, p. 78).

O sucesso pessoal e profissional dos nossos alunos está embasado no relacionamento construído, neste caso, quando há respeito mútuo, o professor consegue ensinar melhor, tornando assim, convívio positivo por conviver num ambiente harmonioso, onde as pessoas respeitam e trocam afetos, as atividades passam a ser realizadas de forma prazerosa e com mais satisfação.

A escola é o espaço que eles aprendem a defender seus argumentos e firmar suas posições. Sendo o diálogo o caminho necessário para se aproximar do aluno, com manifestação de boa vontade, de entendê-lo e respeitando como pessoa humana, assim irá perceber a verdadeira identidade que demonstra por meio de palavras e gestos o que sente e o que necessita naquele momento.

Muitos problemas de convívio familiar são trazidos pelos alunos para sala de aula e os alunos procuram os professores para confiar seus problemas. Segundo Grillo: “Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida” (Grillo, 2004, p. 79).

As atitudes diárias como cumprimentar, ter cordialidade e trocar informações faz a diferença para a formação e manutenção das relações interpessoais. São valores essenciais que nós nos esquecemos de aplicar para manter as relações com as outras pessoas, devido à própria rotina. Assim, nos distanciamos das pessoas e elas também vão se distanciando, contribuindo para a falta de estímulo e motivação no trabalho, no entanto, o contato com o outro traz a segurança de que não estamos sozinhos nessa missão muito difícil que é a luta pela educação.

Objetiva-se nesse processo de ensino e de aprendizagem, que o aluno seja sujeito e que construa seu conhecimento. No entanto, há um entendimento que para ocorrer realmente a aprendizagem é necessário estabelecer uma boa relação entre alunos e professores. Desta maneira, proporcionar boas relações com os alunos é o primeiro passo para garantir um bom ambiente de trabalho, onde as aulas sejam produtivas e interessantes sentindo-se bem em relação ao professor, e com isso proporcionar um envolvimento com qualidade nas atividades e a construção dos conhecimentos no que diz respeito aos conteúdos.

Saber da importância do seu trabalho, bem como constantemente refletir sobre seu papel como educador e sua influência na vida dos alunos. Conforme Mosquera e Stobäus (2004, p. 106): “Um professor que busca uma educação para a afetividade deve, antes de nada, desenvolver uma personalidade mais saudável, estabelecer melhores relações interpessoais”.

Nesse contexto as relações que geram conflitos podem aflorar em virtude de suas vivências e de suas experiências, o que não menospreza o ato de ensinar e aprender. De acordo com Esteban (2002), na prática dos professores, precisam superar o conflito entre caos e a ordem e considerar que a sala de aula como um espaço onde preponderam as relações interpessoais há caos e ordem. Existe a possibilidade de atribuir vários sentidos tanto para um quanto para outro, sem que nenhum deles assuma sozinho o valor positivo ou negativo.

Assim, se estabelece uma hierarquia de valores que o segue durante toda sua existência e é componente fundamental que estabelece o projeto de vida deles. Quando há afetividade no espaço da sala de aula, há esperança, de que estabeleça o respeito mútuo, sendo esse um valor essencial, para o desenvolvimento das relações interpessoais em qualquer meio que se encontrem os sujeitos.

Nessa relação professor e aluno, pretende-se conceber as relações interpessoais e o vínculo que nelas se demonstram, diante do conceito apontado por Antunes (2003, p. 09): “Relações interpessoais é o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas”.

O estudo e a prática das relações interpessoais buscam analisar os fatores condicionantes das relações humanas e, face aos mesmos, sugerir procedimentos que atenuem a particularidade de cada um e estimulem a ternura entre todos para que seja possível conviver em harmonia. Segundo Gonçalves (2006), somos seres inconcluso e dependente dos outros, a qual vivências resultam em trocas. Estas trocas são necessárias para conhecermos do outro enquanto diferente de nós, bem como, confirmamos nossa singularidade.

Concorda também Guareschi (2002) que o ser humano é incompleto concebendo a concepção de ser humano como relação, assim sendo, só somos alguém na presença de outra pessoa. Não se pode ser professor se não existir o aluno e ser aluno sem a existir professor. Conforme o autor, o ser humano torna-se mais pessoa devida das relações que estabelece com os outros.

As relações interpessoais, no contexto escolar, possuem sentido específico conforme a proposta educativa predominante. Para Antunes (2003), na época que a concepção de escola presumia que sua função era a de transmitir informações e conteúdos com planos sistemáticos e garantindo o domínio da herança cultural acumulada às novas gerações cabia ao papel do professor especialmente expor os conteúdos. Nesse sentido, parecia que alunos e professores não faziam parte do mesmo mundo, com propósitos distintos uns para dizer e outros para ouvir.

Quando a escola passou a assumir, atribuições educativas e contribuir para a transformação do ser humano, instruindo-o para a vida, as relações interpessoais ganharam uma proporção relevante, assim ampliando as exigências específicas à função docente. É evidente que certas responsabilidades o professor não deva resolver sozinho, porém essa realidade enfatiza a necessidade de valorizar as relações interpessoais. Conforme salienta Moraes (1994), a relação professor e aluno proporciona um encontro existencial no qual ninguém sai intacto. Nesse convívio em sala de aula, todos são envolvidos e influenciados pelas relações que se estabelecem uns com os outros.

No contexto do ambiente escolar, as relações interpessoais perpassam também a prática do coordenador pedagógico, sendo necessário articular as instâncias escolar e familiar. Cabe a esse profissional saber ouvir, olhar, e falar cuidando de todos que precisam de sua atenção, no entanto, é imprescindível ficar atento às relações de relacionamento propiciando a interação entre todos dentro do espaço escolar.

O coordenador pedagógico é parte essencial dentro da escola, para tanto faz-se necessário articular a integração de todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem sustentando a relação interpessoais de forma saudável enaltecendo a sua formação e a do professor desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças visando a construção de um espaço que beneficie um ambiente de qualidade. Assim, tendo a prática e o olhar de coordenador pedagógico percebe-se que há um desafio de delimitar o espaço de atuação desse profissional. Conforme Fonseca (2001) em suas palavras, o coordenador pedagógico aplicandoas à necessidade do papel na escola que deve ser:

Ser um instrumento de transformação da realidade, resgatar potência da coletividade, gerar pela esperança, gerar solidariedade e parceria, ser um canal de participação efetiva superando as praticas autoritárias e/ou individualista ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na media em que há um referencial construido e assumido coletivamente. Aumentar o grau de realização, e, portanto, de satisfação de trabalho. Colaborar na formação dos participantes. FONSECA (2001, p.45)

Neste sentido, o Coordenador Pedagógico estará atuando como ator social, agente mediador e problematizador do papel docente, evidenciando as intervenções e encaminhamentos mais prováveis ao processo ensino e aprendizagem.

Esses níveis de atuação buscam uma competência relacional e um clima psicológicos de compaherismo para favorecer as relações interpessoais. A quallidade das relações interpessoais é enfatizada por ALMEIDA (2003, p. 78) que afirma:

“o trato satisfatório com os relacionamentos interpessoais é concição para o desempenho de suas atividades, dado que sua função primeira é a de articular o grupo de professores para elaborar o PPP da escola [...] Na verdade, relações interpessoais confortáveis são recursos que o coordenador usa para que os objetivos que do projeto sejam alcançados [...] As habilidades de relacionamento interpessoal, o olhar atento, o ouvir ativo, o falar autêntico podem ser desenvolvidos e, nesse exercício, o profissional

vai fazendo uma revisão de suas condições de escola, professor e aluno". ALMEIDA (2003, p. 78).

Em relação ao relacionamento entre coordenador pedagógico, professor, alunos, enfim toda a comunidade escolar é fundamental para o coordenador não perder o objetivo, ter estratégias bem elaboradas, precisa estar atento a realidade ao seu redor, resolver os conflitos no espaço escolar. Bem como valorizar e estimular os profissionais da sua equipe propiciando momentos para que estes reflitam sobre suas práticas e assim possam enfrentar juntos os desafios e melhorar o processo de ensino e aprendizagem.

A motivação está ao alcance dos coordenadores pedagógicos fazer parte aos estímulos externos como realizar elogios, parabenizar, valorizar e oferecer suporte pedagógico, olhar diferenciado para o trabalho coletivo, incentivar, são ações que podem propiciar um ambiente acolhedor com sentimento de pertença para buscar desenvolver um trabalho de qualidade repercutindo no ensino e na aprendizagem dos alunos.

Cabe ao coordenador pedagógico expressar o que realmente valoriza, respeitando as diferenças, os defeitos e exaltando as qualidades faz com que o educador sintam-se estimulados para progredir, assim se envolvem constantemente nas questões educacionais. Desta maneira, o coordenador pedagógico, visando uma parceria, atendendo as necessidades e desejos do educador, alunos e comunidade escolar busca motivar com propósito de uma aprendizagem significativa, prazerosa e de qualidade.

Faz-se necessário também o coordenador pedagógico ser um aliado do professor no sentido de contribuir na construção de um trabalho pedagógico de qualidade acompanhando o seu trabalho, acolhendo-o em suas dificuldades, realizando críticas construtivas, sendo criativo, comprometendo-se a buscar melhores condições de trabalho na escola.

Assim os professores vão ter segurança, ter capacidade para trabalhar com as diversidades, vão sentir-se valorizados e motivados a realizar atividades interessantes, significativas, aulas prazerosas com sentido para os alunos sendo mediadores do conhecimento garantindo a aprendizagem. É primordial estabelecer um bom relacionamento interpessoal entre todos da comunidade escolar favorecendo um ambiente prazeroso e estimulador. E por meio de uma relação

interpessoal busca-se maneiras para resgatar a motivação dos envolvidos no ambiente escolar.

Como afirma Kurt Lewin MAILHIOT, “a produtividade de um grupo e a sua eficiência estão estreitamente relacionadas não somente com a competência de seus membros, mas, sobretudo com a solidariedade de suas relações interpessoais”. Kurt Lewin. MAILHIOT (1976, p. 66)

## **5. ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS**

### **5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Para compreender melhor a Concepção de Professores e Alunos Sobre as Relações Interpessoais e Aprendizagem dos estudantes do Ensino Médio, realizou-se uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa e quantitativa, com 19 professores de ambos os sexos, pertencentes ao quadro de professores de um Colégio Estadual de Ponta Grossa, e com 75 alunos do Ensino Médio. Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados um questionário com seis questões fechadas e cinco questões abertas para os alunos e para os docentes. O assunto das questões era o mesmo, porém algumas questões específicas somente para os docentes. Decidiu-se por realizar a referida pesquisa após contatos com professores e alunos e reflexões sobre a maneira dos professores entenderem as relações interpessoais na escola. A pesquisa proporcionou uma compreensão da situação possibilitando uma reflexão sobre o assunto entre a realidade das salas de aula e a literatura existente. Assim a análise dos dados com as questões fechadas foi tabulada e as questões abertas foram realizadas relatos, conquistando um resultado almejado do assunto.

### **5.2 APRESENTAÇÕES DAS INFORMAÇÕES**

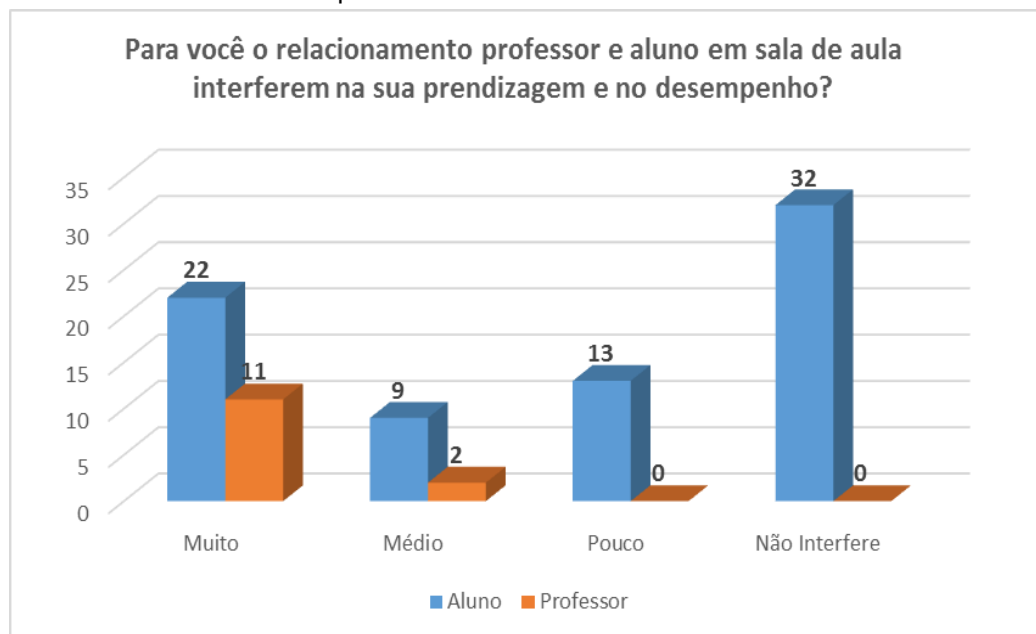
A pesquisa foi realizada com professores e alunos, de um Colégio Estadual, para reflexão dos dados optou-se em emitir simultaneamente a análise pelos envolvidos na pesquisa. Ao que se referem à opinião emitida pelos alunos e pelos professores em relação a sua concepção sobre as relações interpessoais e sua importância no âmbito escolar no Ensino Médio. Verificou-se o relacionamento professor e aluno em sala de aula interfere na aprendizagem e desempenho do aluno.

### 5.3 ANÁLISES DAS INFORMAÇÕES:

Conforme o gráfico 1 os alunos em sua maioria alegam que o relacionamento professor e aluno em sala de aula não interferem na sua aprendizagem. Os alunos parecem não compreender que as questões de sala de aula são as relações interpessoais. Porém a maioria dos professores admitem que interfere muito, as respostas segundo o gráfico indicam que para o sucesso e para aprender o bom relacionamento é indispensável. É sábio que relações são influenciadas constantemente pelas relações interpessoais. Portanto a aprendizagem está ligada ao estado emocional do aluno, sendo o professor responsável em determinar com mais entusiasmo o ambiente escolar.

É de suma importância o professor ter amor pelo que faz e por quem ensina. De acordo com Freire (1996): “Ensinar exige querer bem o aluno, não significa que o professor é obrigado a ter o mesmo sentimento por todos os alunos, significa que o educador deve ter afetividade pelo aluno sem medo de expressá-la”.

GRÁFICO 1 Alunos e professores relacionamento em sala de aula.



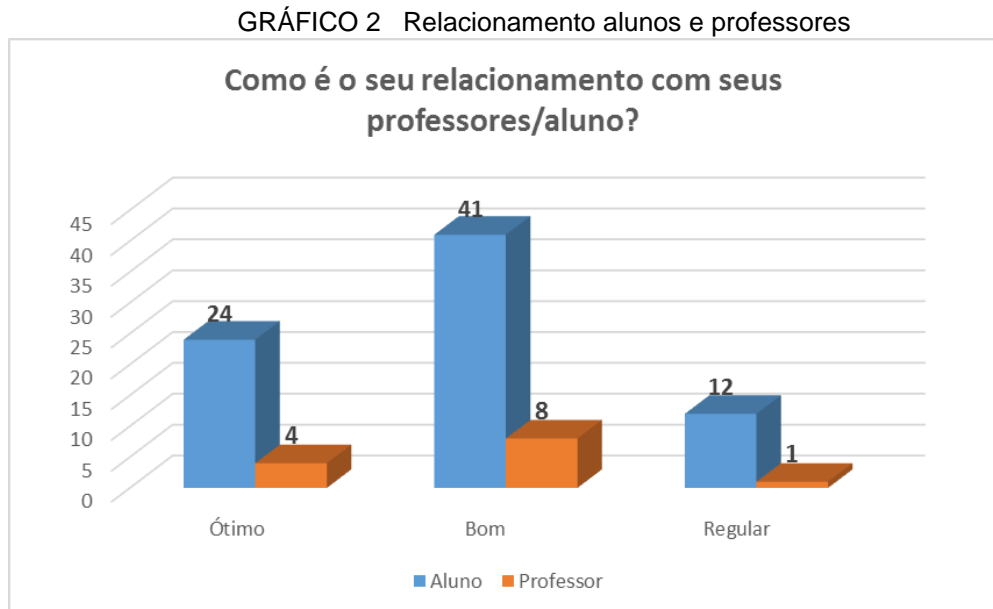
Fonte: Dados extraídos dos questionários

Ao que se referem à opinião emitida pelos alunos e pelos professores em Conforme salienta Moraes (1994), a relação professor e aluno proporciona um encontro existencial no qual ninguém sai intacto. Nesse convívio em sala de aula,

todos são envolvidos e influenciados pelas relações que se estabelecem uns com os outros.

No gráfico 2 evidenciou como professor e aluno se relacionam, ambos reconhecem ser um bom relacionamento. O qual deve prevalecer durante o percurso escolar. É unânime que um relacionamento seja favorável ao diálogo, com participação receptível, de críticas, de respeito, que permite, enfim reconsiderar convicções e persuadir a outras para que ocorressem mudanças significativas.

Silva (2002, p. 66) avalia que “[...] não são os conteúdos que vão estabelecer uma ligação entre professor e aluno. É o tipo de relação que se estabelece entre eles, que dá condição para o desenvolvimento da aprendizagem, independente de quais sejam os conteúdos”.

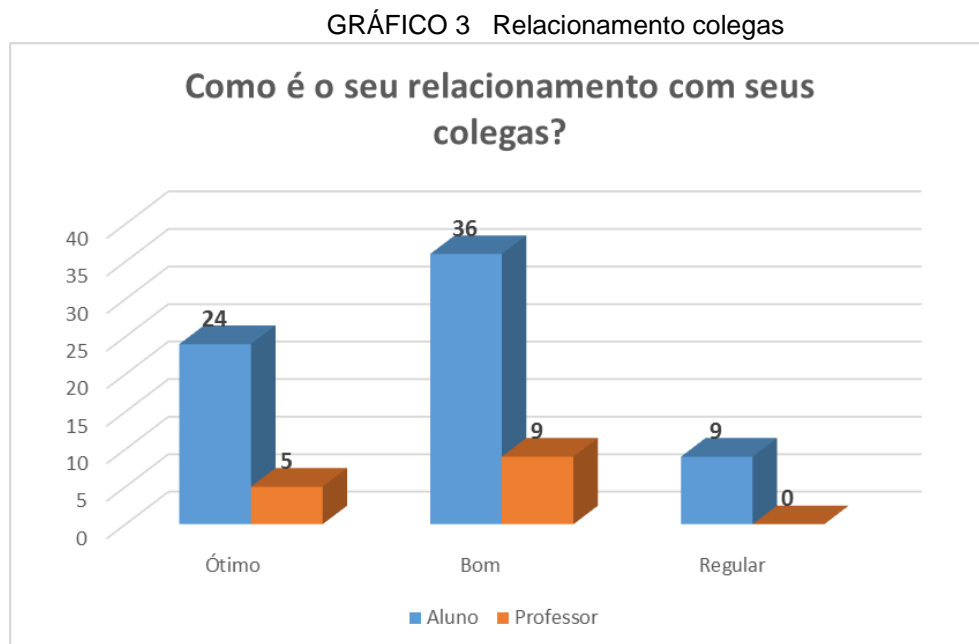


Fonte: Dados extraídos dos questionários.

Dessa maneira, interpelar as relações em uma sala de aula impede de separar professores-alunos-ensino-aprendizagem, impossibilitando refletir sobre um sem relacionar os outros. Conseqüentemente, o ensino e a aprendizagem capacitam qualificando os sujeitos, porém somente existem porque eles estão envolvidos e comprometidos e tem alguma coisa a buscar.

O sucesso pessoal e profissional dos nossos alunos está embasado no relacionamento construído, neste caso quando há respeito mútuo, o professor consegue ensinar melhor, tornando assim convívio positivo por conviver num ambiente harmonioso, onde as pessoas respeitam e trocam afetos, as atividades passam a ser realizadas de forma prazerosa e com mais satisfação.

Quando perguntados sobre como é o seu relacionamento com seus colegas, o gráfico 3 mostra que tanto professor e aluno responderam que o relacionamento é bom. Muitos pesquisadores no Brasil (ABRAMO, NOVAES, CARRANO, CASTRO; ABRAMOVAY, 2009 e DAYRELL, entre outros) realçam que os jovens se deparam em uma etapa de construção de identidades, procuram autonomia, são sociáveis, gostam de estar com “galeras”, turmas, gangues e mesmo a integração no tráfico de drogas para estar com “os seus”. Os jovens vivem em intensidade para conhecer, experimentar o novo, apropriar e descobrir. Porém insinuam desapontamento com a política tradicional e com a sociedade, experimentando provocações, lugares grosseiros, falta de entendimento.



Fonte: Dados extraídos dos questionários.

Para Mosquera e Stobäus (2004, p. 92): “Grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Assim relacionar-se bem no ambiente escolar com toda a comunidade escolar e essencialmente na sala de aula é fundamental para garantir uma vida saudável, pois reflete diretamente no rendimento do profissional.

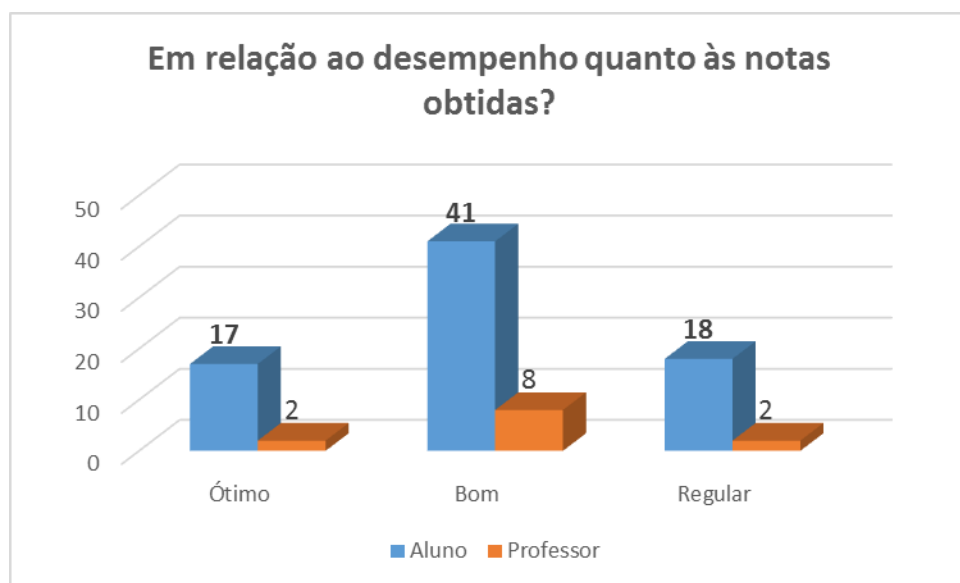
Na questão questionada no gráfico 4 em relação ao desempenho quanto as notas obtidas tanto aluno quanto professor concordam ter bom desempenho, porém chama a atenção que o educador aceite que seu desempenho não proporciona ao aluno conhecimento que auxilie na sua formação. Percebe-se que muitas vezes o

docente não consegue se aproximar do seu aluno manter um dialogo e descobrir o que esta ocasionando a dificuldade.

Sabe-se que todo educador procura e gostaria que os alunos recordassem de sua aula, que esta fosse inesquecível e para isso faz se necessário manter uma paixão pelo que e por quem se faz. É necessário também estudar sempre.

Antunes (2003) salienta que para a construção coletiva dos alunos, através do diálogo, constroem o conhecimento aproximando diagnóstico do saber individual.

GRÁFICO 4 Desempenho quanto as notas obtidas



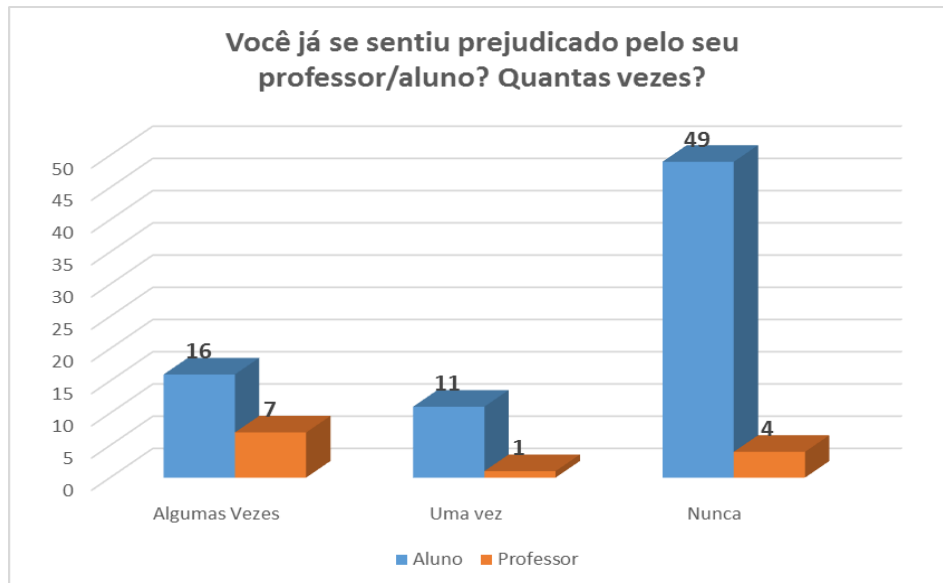
Fonte: Dados extraídos dos questionários.

A falta de compreensão, dos discentes verificada no gráfico 1 quanto ao relacionamento em sala de aula se interferem na aprendizagem estão associada a um distanciamento nas relações dentro da sala de aula, como afirma Moraes e Bernardino (2003), é atribuído ao professor uma certa autoridade independente se ele é ou não autoritário em sua prática pedagógica, ele é o maior responsável pelas relações que são estabelecidas em sala de aula, mesmo que não tenha consciência disso.

Segundo Zuin (2003), ao professor elogiar ou humilhar um aluno, na frente de todos os seus colegas em sala de aula, estará colocando em jogo a relação estabelecida professor-aluno como também, as relações desse aluno com os demais alunos da sala.

No questionamento do GRÁFICO 5, você já se sentiu prejudicado pelo seu professor/professor já se sentiu prejudicado pelo seu aluno, a maioria dos professores entrevistados responderam que algumas vezes, porém os alunos em sua maioria responderam que nunca.

GRÁFICO 5 Você já se sentiu prejudicado pelo seu professor/ pelo seu aluno



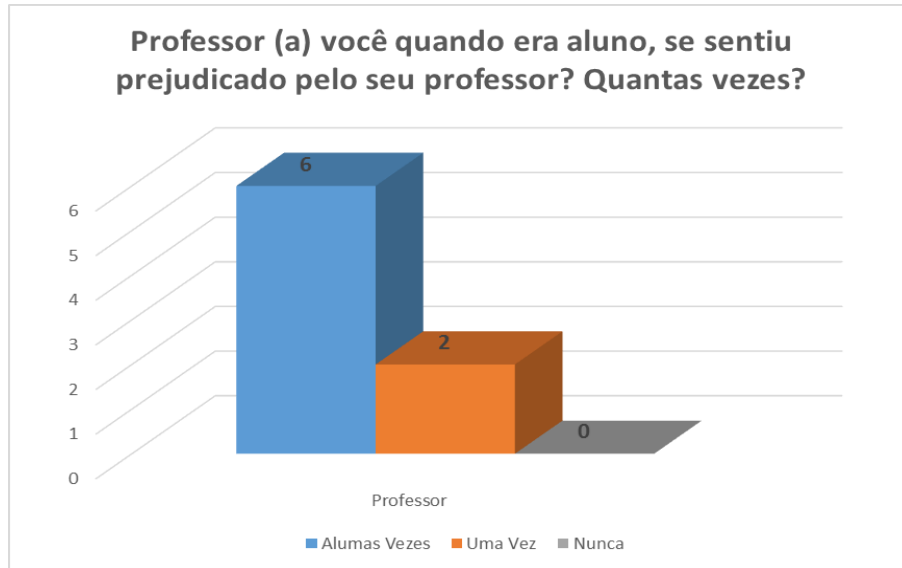
Fonte: Dados extraídos dos questionários.

É importante salientar na questão que envolve relacionamento interpessoal os professores em sua maioria se sentem prejudicados pelos seus alunos. Embora seus alunos não sintam ou talvez não consigam identificar tais prejuízos

Conforme análise gráfico 6 Professor prejudicado quando era aluno pelo seu professor, a maioria respondeu que algumas vezes, assim evidencia-se a importância do relacionamento, da compreensão e da aprendizagem de professor e aluno, independente de época ou idade. Mostra também que mesmo passando o tempo os professores enfatizam semelhanças, e que é preciso preparar - se para as situações inesperadas no contexto escolar para que não haja interferência no relacionamento.

Nesse enfoque, Enricone (2002, p.105) diz que: “Para relacionar-se positivamente com outros, é necessário ter abertura para a diversidade e estrutura democrática para poder viver bem em um mundo múltiplo e plural”. Não é necessário sempre dizer que sim, precisamos aprender a elegantemente saber dizer não, sem sermos cruéis ou desnecessariamente impositivos.

GRÁFICO 6 Professor prejudicado quando era aluno pelo seu professor



Fonte: Dados extraídos dos questionários.

Em relação ao questionário com questões abertas, verificou-se na primeira pergunta, questionou-se sobre o conflito em sala de aula se podia interferir no bom andamento da aula, e suas causas. A resposta foi: tanto alunos como professores concordaram que sim:

Para os professores:

“Pode, mas não deve. Causa: falta de interesse. O conflito causa um desconforto que pode trazer consequências físicas, emocionais, psicológicas gravíssimas e por muito tempo. Causa: indisciplina altera seu estado de espírito ou emocional. Causa: falta de valorização. Quando a aula está mal planejada, quando não tem domínio de conteúdo. Assim sempre o aluno vai ser um problema para o professor, o qual deve estar preparado. A causa: falta de educação do aluno bem como falta de conteúdo que muitos profissionais não tem”. (P3, P8, P10, P14,)

Para os alunos:

“Atrapalha no relacionamento, há dificuldade para aprender, tempo muito curto da aula, atrapalha o estado emocional, desestabiliza a aula, compromete o diálogo. Causas: Professor chato, conversa e falta de respeito, celular, brincadeiras inadequadas, indisciplina, falta de interação, desinteresse, opinião diferente, falta de atenção, falta de domínio no grupo, falta de dialogo, professor estressado”.

É necessário refletir o que o mestre Paulo Freire (1996, p. 73) nos ensina: "O professor autoritário, licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca”.

Na segunda pergunta questionou-se sobre o relacionamento do professor com os alunos com dificuldades no desempenho. A resposta foi:

“Procuro perguntar se eles entenderam, ajuda dos colegas, diálogo, identificando o foco do problema. Explico várias vezes até fora da sala, atenção especial, acompanhamento individual. Conhecer o aluno para encontrar estratégias. Metodologias diferenciadas, retomar explicações, atividades e avaliações”; (P5, P6, P9, P14, P10, P12).

Para Mosquera e Stobäus (2004, p. 92): “Grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Assim relacionar-se bem no ambiente escolar com toda a comunidade escolar e essencialmente na sala de aula é fundamental para garantir uma vida saudável, pois reflete diretamente no rendimento do profissional. Desta maneira é necessário ter um ambiente motivador, com interação e troca, no qual o aluno não fique envergonhado de se expor e que o professor vai saber ouvir, buscando juntamente com o professor uma solução de maneira harmoniosa para os problemas que ocorre no cotidiano da sala de aula.

Na terceira pergunta questionou-se sobre momentos para observar, ouvir os alunos, conhecer seus problemas e sonhos. A resposta foi:

“Considero importante, antes da chamada, no final da aula. Procuro conhecer; no intervalo. Diálogos e debates, Muitos alunos somente na medida do possível. Somente quando tem conflito”. (P4, P16, P13, P15, P17)

Os alunos responderam:

“às vezes; quando tenho dúvidas; não; sim; professora de Sociologia; chamando minha atenção; explicação; raramente; questionamentos; quando tenho dúvidas; seminários e debates; nem todos, dão aula por obrigação ou de mau humor”

Compreender os outros se desafiar a se colocar no lugar do outro para sentir o que o outro sente e pensa é a dimensão mais importante nas relações humanas, conhecidas também como relações interpessoais. Esse fato é verificado na família, na escola, no trabalho, na sociedade. Em relação a essas ponderações, Minicucci (2000, p. 41) salienta:

Por intermédio da percepção sensorial formamos impressões sobre as pessoas e por meio de nossas experiências com elas. O comportamento

(atitudes, conduta) das pessoas é que nos leva a percebê-las e julgá-las. Se nossas percepções e nossos julgamentos acerca dos outros são corretos, estabelece-se uma comunicação autêntica e torna-se possível uma relação interpessoal conjunta. Se a percepção e os julgamentos são errôneos, talvez surjam dificuldades que tendam a provocar relações interpessoais precárias. (MINICUCCI 2000, p. 41).

Na quarta pergunta questionou-se sobre estabelecer a interação, estabelecer relação de confiança entre alunos e alunos/ professores. E a importância das relações estabelecidas na escola na sala de aula no contexto do processo ensino aprendizagem. A resposta foi:

“São fundamentais, confiança dos alunos em busca de seus objetivos; Bom desempenho, importante nas diferenças das normas estabelecidas pelas relações de poder; Relação de pertencimento ao ambiente escolar, interação; Estratégias e planejamentos constroem um ambiente favorável. Quando o educando tem vontade de aprender rompe as mais variadas dificuldades na aprendizagem; Faz parte da minha prática”. (P5, P8, P9, P11, P16)

A resposta do aluno foi:

“é uma forma de aprendizagem e levaremos pra vida toda; você se sente a vontade; sim; manter um ambiente de paz, agradável; aprendemos melhor; melhora a qualidade na escola; aprendemos a conviver em grupo”

Na quinta pergunta questionou-se sobre considera o papel do pedagogo frente às relações interpessoais na escola. A resposta foi:

“Mediador das relações no ambiente escolar entre família, professores e alunos. Condutor de alunos diante da sua dificuldade tanto social quanto de aprendizagem. Suma importância, pensador da educação. Elo aluno professor, o trabalho do professor tem um bom resultado se contamos com um bom pedagogo. Articulação entre as disciplinas, orientação de trabalho de irem todas as instancias dentro do processo de ensino aprendizagem. Relevante para a mediação na tríade professor-alunoaprendizagem. Proporciona avanços sendo a ponte para que o processo ensino aprendizagem aconteça”; (P1, P4, P7: P8, P10, P12, P14)

A resposta do aluno foi:

“é importante para conhecer mais os alunos; bom e precisa estar junto tudo que liga nos alunos; boa; considero importante; problema que professor não consegue resolver pedagogo resolve; cuida da escola e dos colegas; resolve problemas antes mesmo que aconteça; são muito rígidos; competente sabe entender os alunos; consegue orientar os alunos, conversar, não causando tumultos; próximo aos alunos para ajudar; precisa ficar em cima dos professores não somente dos alunos; se preocupa muito com os alunos”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o decorrer dessa pesquisa, foi possível observar, que a maneira, que os professores entendem as relações interpessoais na escola, auxiliam em sua prática pedagógica. Porém, faz-se necessário que os professores aprendam a lidar, contornar situações de conflitos e isso vai além de dominar o conteúdo de suas disciplinas. Evidenciou também que para um relacionamento favorável em sala de aula, urge que o professor tenha capacidade de adaptação a situações adversas. Percebe-se o quanto é difícil na rotina do ambiente escolar parar e ouvir o outro, de maneira que seja possível conhecer nosso aluno, conhecer seus problemas e sonhos. É de suma importância para as relações interpessoais, estar atentos para ouvir e orientar.

A relação de convivência no ambiente escolar é uma forma de aprendizagem que os alunos querem levar pra vida toda. A escola, por mais que mostre limitações, é o espaço em que a juventude gosta de estar, pois convivem com respeito e orientação, valoriza-se o saber, aceitam os erros, problemas, dificuldades e socializam-se. Aprendem a conviver em grupo, desenvolvem valores para viver em sociedade, buscam intervir no mundo, construindo a sua cidadania e sendo vistos por suas particularidades. É importante enfatizar, que a atuação do professor, bem como a relação com seus alunos hoje, ecoa na formação profissional do amanhã.

Desta maneira enfatiza-se que o relacionamento interpessoal contribui no processo ensino e aprendizagem, porém cabe pedagogo juntamente com os professores evidenciar no âmbito do contexto escolar com os jovens.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 5-6, 1997.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Escolas Inovadoras**: Experiências bem-sucedidas em escolas Públicas. Brasília: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Gangues, gênero e juventudes**: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Kaco Ed.; PPCAM; CUFA/DF; SDH/PR, 2010.

Almeida, L. R. (2002). “ **Contribuições da psicologia de Rogers para a educação: uma abordagem histórica**” . In: Placco, V. M. N. S. et alii (org.). *Psicologia & Educação – revendo contribuições*. São Paulo, Educ.

ALVES, Rubem. **Conversas Com Quem Gosta de Ensinar**. São Paulo : Cortez, 1985.

ANTUNES, C. **Relações interpessoais e auto-estima**. Petrópolis. Editora Vozes Ltda, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Formação de professores do ensino médio**, etapa I – caderno II: ensino médio e formação humana integral/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica; [ autores: Carmen Sylvia Vidigal Moraes...et al.] . – Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A “Juventude” é apenas uma palavra**. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BORGES, P F. **O professor da década de 90**. Artigo apresentado no simpósio de qualidade total na Universidade Mackenzie, 1995.

CARRANO, P. **Os jovens e a cidade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará,2002.

CORTELLA, Mário Sérgio. **Pensatas Pedagógicas: Nós e a escola: agonias e alegrias**. 1ª ed; Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socializaçãoJuvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, Out. 2007.

ENRICONE, D. (org.). **Ser Professor 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.**

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. São Paulo: Papyrus, 1996.

GONÇALVES, J. P. **Relações Interpessoais: condição para a sobrevivência do ser humano**. *Psicologia Brasil* (São Paulo), São Paulo, v. 4, n. 33, p. 32-33, 2006.

GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica como Prática de Libertação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HAYDT, R.C.C. **Curso de didática geral**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LUCKESI, C.C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MAGALHÃES, L.R. **Relações interpessoais no cotidiano e aprendizagem**, disponível em: . Acesso em: 15 mai. 2008.

- Moraes, M. R. M., & Bernardino, L. M. F. (2004). **Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência.** Encontro: Revista de Psicologia, 9 (10), 68-80.
- MORAES, M. L. **Uma Experiência de Leitura, Interpretação e Intervenção na Dinâmica Grupal.** Porto Alegre: PUCRS, 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1994.
- MARGULIS, Mario, URRESTI, Marcelo (ed.). **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud.** Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais,** Revista Brasileira de Educação, n. 5, 1997.
- MOSQUERA, J.; STOBÄUS, C. **O Professor, Personalidade Saudável e Relações Interpessoais: por uma educação da afetividade.** IN.: ENRICONE, D. (org.). Ser Professor. 3ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SILVA, Mônica Ribeiro. **Currículo e competências: a formação administrada.** São Paulo: Cortez, 2008.
- Silva, S. C., & Aranha, M. S. F. (2005). **Interação entre professora e alunos em sala de aula com proposta pedagógica de educação inclusiva.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, 11 (3), 373-394.
- Zuin, A. A. S. (2003). **Sobre a atualidade dos tabus com relação aos professores.** *Educação Social*, 24 (83), 417-427.

## ANEXOS

### QUESTIONARIO SOBRE AS RELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

Este questionário busca conhecer como vem acontecendo as relações na escola, estabelecidas entre os professores e seus alunos.

Aluno (a): \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_\_ Para você o relacionamento professor e aluno em sala de aula interfere na sua aprendizagem e no seu desempenho.

muito  médio  pouco  não interfere

Como é o seu relacionamento com seus professores?

ótimo  bom  regular

Como é o seu relacionamento com seus colegas?

ótimo  bom  regular

Em relação ao seu desempenho quanto às notas obtidas?

ótimo  bom  regular

Você já se sentiu prejudicado pelo seu professor? Quantas vezes?

algumas vezes  uma vez  nunca

Você já prejudicou o seu professor? Quantas vezes?

mais de uma vez  uma vez  nunca

1- Como você se relaciona com os seu professor que você tem dificuldade no desempenho dos conteúdos?

2- Para você quais seriam as causas dos conflitos existentes na sala de aula entre professores e alunos?

3- Os seus professores consegue proporcionar momentos para ouvir você? Buscam conhecer você? Seus problemas? Seus sonhos? Como?

4- Em sua aula o professor (a) proporciona forma positiva de estabelecer a interação, relação de confiança entre os alunos e alunas e com o professor. 5- Como você considera o papel do pedagogo frente às relações interpessoais na escola.